

Chico muitas vezes terá que provar a autenticidade do seu trabalho mediúnico. E o faz ao longo dos anos.

Mais de meio século transcorrido e Chico Xavier permanece, comprovando, a cada dia que passa, a seriedade do seu labor mediúnico.

Chico Xavier é hoje patrimônio da Doutrina Espírita. Patrimônio moral e espiritual — prova viva de que a mediunidade com Jesus é possível.

Pelo amor que todos nós consagramos à Doutrina, o mínimo que podemos fazer por ele é dar-lhe todo o nosso respeito e toda a nossa gratidão.

### Autorização para retirar poesias do «Parnaso»

18 — 6 — 1954

*“(...) Sobre o “Parnaso”, Emmanuel me disse que poderás retirar do texto de 15 a 20 trabalhos que julgues menos adequados ao livro e daqui te enviarei 10 a 15 que possam figurar na nova edição com mais propriedade. Certo? Aguardo as tuas notícias. (...)”*

As revisões de “Parnaso de Além-Túmulo” demandam tempo. Chico Xavier e os autores espirituais, sob a orientação de Emmanuel, estudam várias fórmulas buscando aprimorá-lo cada vez mais.

Em cartas anteriores encontramos Chico a argumentar com Wantuil, inclusive transmitindo as opiniões de Emmanuel, que também se modificam algumas vezes, no transcurso do tempo, obviamente movidas por outros fatores e circunstâncias.

Observa-se sempre o cuidado do Instrutor Espiritual em não levantar polêmicas.

Nesse pequeno trecho deparamo-nos com um fato importante: Emmanuel autoriza Wantuil de Freitas a retirar de 15 a 20 poesias e Chico promete enviar umas



10 ou 15 outras que possam figurar na nova edição, exatamente a 6ª, que, no entanto, só sairia no ano de 1955.

Clóvis Ramos, no seu livro "50 Anos de Parnaso", esclarece quais foram as produções retiradas e relaciona as emendas efetuadas, de acordo com a revisão realizada pelos próprios autores espirituais.

O atual Presidente da FEB, Francisco Thiesen, forneceu a Clóvis Ramos, para a elaboração do livro comemorativo do cinquentenário de "Parnaso", os filmes de páginas da 5ª edição, "do exemplar revisto por Emmanuel em nome dos Espíritos Autores, e anotado pelo próprio médium, com sua letrinha inconfundível".

Todo esse trabalho de revisão e de anos de acertos entre Chico e Wantuil e entre o médium e os autores espirituais; as dificuldades superadas até se chegar ao acordo, tudo isso pode suscitar em algumas pessoas indagações quanto ao processo psicográfico. Por que, afinal de contas, a mensagem não consegue ser filtrada pronta e irretocável? Serão assim tão difíceis os meios de comunicação entre desencarnados e encarnados?

Somente aqueles que têm oportunidade de estudar mais profundamente os mecanismos de uma comunicação mediúnica podem avaliar as dificuldades e barreiras a serem transpostas. André Luiz explicaria mais tarde, no seu livro "Mecanismos da Mediunidade", as nuances do processo.

Diz o autor espiritual no capítulo VI, intitulado "Circuito elétrico mediúnico", quando compara o circuito que se estabelece entre o Espírito e o médium a um circuito elétrico:

"Aplica-se o conceito de circuito mediúnico à extensão do campo de integração magnética em que circula uma corrente mental, sempre que se mantenha a sintonia psíquica entre os seus extremos ou, mais propriamente, o emissor e o receptor.

O circuito mediúnico, dessa maneira, expressa uma "vontade-apelo" e uma "vontade-resposta", respectivamente, no trajeto ida e volta, definindo o comando da entidade comunicante e a concordância do médium, fenômeno esse exatamente aplicável tanto à esfera dos Espíritos desencarnados, quanto à dos Espíritos encarnados, porquanto exprime conjugação natural ou provocada nos domínios da inteligência, totalizando os serviços de associação, assimilação, transformação e transmissão da energia mental.

Para a realização dessas atividades, o emissor e o receptor guardam consigo possibilidades particulares nos recursos do cérebro, em cuja intimidade se processam circuitos elementares do campo nervoso, atendendo a trabalhos espontâneos do Espírito, como sejam, ideação, seleção, autocritica e expressão."

Comentemos o trecho acima de André Luiz:

O circuito mediúnico expressa uma "vontade-apelo" do médium e uma "vontade-resposta" do Espírito, respectivamente no trajeto de ida e volta, representando o comando mental do comunicante e a concordância do médium a este comando.

Mas, isso é apenas a sintonia inicial entre o Espírito e o médium.

Para a transmissão de uma mensagem, contudo, terá que haver ainda: 1º — a associação entre as duas mentes, entre os dois pensamentos distintos; 2º — a assimilação, por parte do médium, do pensamento que o comunicante transmite; 3º — a transformação desse pensamento através dos recursos próprios do médium, compreendendo a sua bagagem intelectual e moral; 4º — a transmissão, propriamente dita, da mensagem pelo médium, que usará de seu próprio vocabulário. Enquanto se efetivam todas essas elaborações entre o emissor e o receptor, igualmente outros processos se realizam, individualmente, no cérebro de cada um deles, como sejam: 1º — ideação (formação de idéia); 2º — seleção (escolha, seleção da idéia);



3º — autocrítica (análise que cada um faz da idéia); 4º — expressão (processo final, enunciação da idéia). Esses quatro processos é que permitem ao médium o selecionamento da mensagem que o Espírito queira transmitir. No caso de Espírito inferior, terá assim condições de bloquear quaisquer palavras ofensivas, sabendo, inclusive, previamente, as idéias que ele queira expender.

Em relação a Chico Xavier e Emmanuel, por exemplo, como existe identificação muito profunda entre ambos, todos esses processos se realizam de modo instantâneo e sem esforço algum de ambas as partes. Quando o comunicante é um Espírito muito superior, a dificuldade aumenta, pois terá que haver a gradação da voltagem ou, até mesmo, utilizar-se o concurso do guia do médium. Foi o que aconteceu entre Veneranda, Emmanuel e Chico Xavier para a transmissão dos livros "O Caminho Oculto" e "Os Filhos do Grande Rei", conforme mencionamos no comentário da carta de 9-4-1946.

Entretanto, não é ainda o bastante, para que aconteça a comunicação.

É necessário também que o circuito mediúnico formado entre o receptor e o emissor seja mantido, isto é, não sofra interrupções. No circuito mediúnico forma-se uma corrente mental cujo fluxo energético precisa ser alimentado para que prossiga em circulação, o que depende do *pensamento constante de aceitação ou adesão* do médium. Se este ficar desatento, interrompe-se o circuito, mesmo que o comunicante prossiga tentando enviar a mensagem.

Todavia, isso ainda não é o bastante. Outros fatores influem no mecanismo da comunicação mediúnica, tais como: o grau de experiência do médium; a sua disposição física e espiritual; a sua preparação anterior ao momento da reunião; o ambiente espiritual; a homogeneidade dos pensamentos dos presentes; a seriedade de

que o trabalho se reveste; as intenções e finalidades, etc. Tudo em conjunto vai refletir no intercâmbio mediúnico e favorecer ou prejudicar o processo de *filtragem* por parte do médium.

Léon Denis afirma em "No Invisível":

"A mediunidade apresenta variedades quase infinitas, desde as mais vulgares formas até as mais sublimes manifestações. Nunca é idêntica em dois indivíduos, e se diversifica segundo os caracteres e os temperamentos. Em um grau superior, é como uma centelha do céu a dissipar as humanas tristezas e esclarecer as obscuridades que nos envolvem."

A mediunidade de Chico Xavier está perfeitamente integrada nessas características superiores mencionadas por Léon Denis.

E dentro de todo o mecanismo anteriormente descrito, encontramos ainda a explicação para a notável afinização e sintonia existente entre Emmanuel e Chico Xavier. É comum dizer-se que em certos momentos não se distingue se quem fala é o médium ou o seu guia espiritual. Isto não significa perda de identidade, ou da personalidade de um ou de outro, mas, sim, que ambos estão estreitamente sintonizados. Não obstante, Emmanuel não interfere nos momentos comuns do Chico, nas suas lutas cotidianas, e não permanece ao lado dele, de plantão, nas 24 horas do dia. Sabe-se, mesmo, que Emmanuel, em muitas ocasiões, dentro da seriedade que lhe é característica, deixa que Chico resolva seus problemas e passe os apertos comuns da existência humana para que adquira experiências importantes e enriquecedoras.

Muita gente julga que o nobre Instrutor Espiritual está ao lado do médium, dizendo-lhe o tempo todo o que fazer e como fazer. Se tal acontecesse não haveria méritos por parte do Chico e Emmanuel estaria interferindo no livre-arbítrio do médium.



Emmanuel age como um pai procede com o filho, sabendo que este terá de andar sozinho, viver a sua própria vida, ser independente e conquistar o seu espaço no mundo.

Voltando ao livro de Clóvis Ramos, verificamos ali, à página 87, que Francisco Thiesen, ciente de todo o complexo mecanismo da mediunidade, enfatiza:

"Emmanuel ia comandando a formação do livro. Até à 5ª edição ele teve aumentado seu número de poesias (...) com a 6ª edição, revista e ampliada pelos Autores Espirituais, o "Parnaso de Além-Túmulo" ficou acrescido de característico incomum, único no gênero pelo seu vulto inusitado: não apenas o da ampliação, agora definitiva na parte mediúnica da obra, mas o da revisão pelos Espíritos!"

O "característico" realçado pelo Presidente da Casa de Ismael é realmente interessante e digno de maiores reflexões.

Chico psicografa as poesias geralmente em reuniões públicas, de modo muito rápido, e logo em seguida as páginas são lidas em voz alta por ele. Não há praticamente tempo para uma revisão por parte do autor e do médium. Esse trabalho ocorre continuamente, dia após dia. Embora todo o cuidado, é natural que ocorram pequenas falhas no mecanismo que acabamos de descrever.

Quando o "Parnaso" começou a passar por uma revisão mais detalhada, foi necessário a Chico Xavier entrar, de novo, em sintonia com todos os autores das poesias, o que demandou vários anos. Aí é que começou o trabalho notável de revisão. Pode-se imaginar, pelo menos de modo superficial, o que esse trabalho deve ter representado, em termos de minúcias e paciente esforço de ambas as partes.

## Cansaço, não desânimo. — Acerca de «F. Xavier»

3 — 10 — 1955

"(...) Muito me conforta a informação de que foste visitado pessoalmente pelo Clóvis Tavares.

(...) Atualmente, por vezes, sinto que o cansaço me atinge. Não é o desânimo. É uma aflição que não sei precisar bem se é do corpo para a alma ou da alma para o corpo."

Chico menciona Clóvis Tavares, seu amigo e autor do livro "Trinta Anos com Chico Xavier".

Em seguida fala do cansaço que vem sentindo. Esclarece que não é o desânimo. Mas não tem certeza se é resultado do corpo que está combalido, desgastado, ou se é algo mais profundo, como se a alma estivesse abatida pelas lutas, abatimento que então se refletiria no corpo físico. É um instante de desabafo em que o médium revela a aflição que o atinge.

"(...) Aquele soneto cuja cópia me enviaste (lembro-me bem) é do Anthero de Quental. É da coleção que o José, meu irmão, distribuiu por várias publicações, co-